

Os Grandes Dramaturgos  
Eugene O'Neill

LONGA JORNADA  
NOITE ADENTRO

drama em 4 atos

tradução  
Helena Pessoa

Peixoto Neto<sup>Editora</sup>

Coleção *Os grandes dramaturgos*

Volume 10, 1ª edição

São Paulo, 2004

TÍTULO ORIGINAL

*Long day's journey into night*

© Copyright *Long day's journey into night*

1956 Carlotta Monterey O'Neill

© Copyright renewed 1984 Yale University"

© Copyright da tradução dos herdeiros de Helena Pessoa, 2004

EDITOR

João Baptista Peixoto Neto

COORDENADORA DA COLEÇÃO

Silvana Garcia

CONSULTORAS

Maria Thereza Vargas

Mariângela Alves de Lima

PESQUISADORA E ASSISTENTE EDITORIAL

Fabiana Lopes Bernardino

TRADUTORA

Helena Pessoa

PREFACIADORA

Maria Sílvia Betti

REVISORA DA TRADUÇÃO

Suíang Guerreiro de Oliveira

REDATOR

Oswaldo Mendes

REVISORAS

Oficina Editorial (Adriana Soares de Souza)

Beatriz de Freitas Moreira

PROJETO GRÁFICO

Oficina Editorial

CAPA

Oficina Editorial (Eduardo Quintanilha Faustino)

EDITORAÇÃO

Oficina Editorial

GERENTE DE DISTRIBUIÇÃO E VENDAS

Valdemir Batista de Anunciação

## PATROCINADORES



ESTE LIVRO FOI IMPRESSO EM:  
Capa: Papel Couché Image Mate 145 g/m<sup>2</sup>  
Guarda: Papel Acácia Color Antílope Marfim 120 g/m<sup>2</sup>  
Miolo: Papel Chamois Fine Dunas 80 g/m<sup>2</sup>

Fabricados pela RIPASA S/A CELULOSE E PAPEL em harmonia com o meio ambiente

**IMAGE**  
MATE

  
**ACÁCIA**  
Color

P A P E L  
  
**CHAMOIS-FINE**

 **ripasa**  
O nosso papel é estar ao seu lado

ISBN DO LIVRO: 85-88069-14-8

ISBN DA COLEÇÃO: 85-88069-03-2

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

O'Neill, Eugene, 1888-1953.

Longa jornada noite adentro: drama em 4 atos / Eugene O'Neill; tradução Helena Pessoa. – São Paulo: Peixoto Neto, 2004. – (Os grandes dramaturgos)

Título original: Long day's journey into night

1. Teatro norte-americano I. Título. II. Série.

03-5236

CDD-812

Índice para catálogo sistemático:

1. Teatro: Literatura norte-americana 812

Todos os direitos desta edição estão reservados à

**Editora Peixoto Neto Ltda.**

Rua Teodoro Sampaio 1765, cj. 44, Pinheiros

05405-150 São Paulo, SP, Brasil

tel. (11) 3063-9040 fax 3064-9056

www.peixotoneto.com.br

editora@peixotoneto.com.br

## SUMÁRIO

### PREFÁCIO

Longa jornada noite adentro,  
de Eugene O'Neill 11

### LONGA JORNADA NOITE ADENTRO

Personagens 33

Cenários 35

Ato 1 37

Ato 2 87

Ato 3 143

Ato 4 179

### DOSSIÊ O'NEILL

Cronologia da vida do autor 249

Sugestões de leitura 255

## PREFÁCIO

LONGA JORNADA NOITE ADENTRO,

DE EUGENE O'NEILL

MARIA SÍLVIA BETTI

## I. UMA JORNADA E MUITOS OLHARES

A dramaturgia do século XX produziu poucas peças tão unanimemente consideradas obras-primas como *Longa jornada noite adentro* de Eugene O'Neill. Concluída em 1941, a peça, que aborda questões cruciais da vida familiar do autor, teve sua publicação e montagem vetadas durante os vinte e cinco anos seguintes à sua criação, com a finalidade de resguardar a privacidade dos membros da família nela retratados: o casal progenitor, James e Ella O'Neill (recriados nas personagens de James e Mary Tyrone) e seus dois filhos, James e Eugene (personificados respectivamente em Jamie e Edmund Tyrone).

Com a morte de O'Neill, e com o desaparecimento já a essa altura consumado dos demais familiares retratados, a viúva, Carlotta O'Neill, autorizou a publicação e a encenação,

dando início assim à carreira de um dos textos teatrais mais decisivos para o desenvolvimento de um consenso crítico acerca da obra de O'Neill e para seu estabelecimento dentro do cânone dramatúrgico do século XX.

*Longa jornada noite adentro* não é a única peça de O'Neill a colocar em cena elementos de sua biografia. Em *Todos os filhos de Deus têm asas*, por exemplo, o casal de protagonistas tem os nomes de seus pais, Jim e Ella; em *A juventude não é tudo* é o próprio Eugene quem se faz presente em cena, enquanto em *A moon for the misbegotten* é Jamie, seu irmão. Durante os últimos anos de sua vida, O'Neill trabalhou num grande ciclo de peças que não chegou a concluir, e que tinha como tema a imigração de uma família irlandesa para a América, assunto estreitamente ligado à sua preocupação em entender as razões para as angústias que herdara de seus ancestrais e que legara a seus descendentes.<sup>1</sup>

Eugene O'Neill escreveu cinquenta e uma peças teatrais ao longo de sua vida. Das cinquenta restantes, metade foi desenvolvida a partir de material autobiográfico,<sup>2</sup> o que explica o grau de representatividade que este aspecto veio a adquirir na fortuna crítica do autor.

A utilização de material autobiográfico como fonte para a criação dramatúrgica não é característica isolada da obra de O'Neill. No contexto mais amplo da dramaturgia norte-americana do século XX, a incorporação de aspectos da experiência pessoal e das neuroses familiares encontra-se presente no trabalho de autores representativos como Arthur Miller e Tennessee Williams (entre inúmeros outros), a ponto de certo pesquisador ter-se referido à tríade O'Neill-Miller-Williams como constituída por “dramaturgos da família”.<sup>3</sup>

Para Joel Pfister, a fama imputada a O'Neill de ser “o mais autobiográfico dos dramaturgos” deve ser atribuída em grande

parte a ele próprio, tanto devido às entrevistas que concedeu ao longo de sua carreira como pelo próprio fato de haver explicitamente desvelado a história de seus conflitos familiares em *Longa jornada noite adentro* e em *A moon for the misbegotten*.<sup>4</sup>

A maioria dos biógrafos e críticos chancela a idéia de uma relação direta entre a turbulenta vida familiar do autor e seu talento para a criação literária. O mergulho dramatúrgico pelo autor em seu próprio material autobiográfico tendeu, assim, a ser tomado como sinal de sua vocação para a profundidade, e esta, dentro dos preceitos dramatúrgicos defendidos pela crítica norte-americana, associa-se, via de regra, a uma dramaturgia voltada ao tratamento detalhado das inter-relações e da psicologia de indivíduos.

A abordagem dramatúrgica da família por O'Neill passa, assim, a ser considerada indicativa de uma dramaturgia de cunho intrinsecamente psicológico e individual, idéia que se baseia na noção de um determinismo considerado inerente ao mundo familiar, supostamente capaz de definir a sorte futura de seus filhos.

Não casualmente, o exame desse suposto determinismo familiar é um dos expedientes usuais de discussão da cultura irlandesa nos Estados Unidos. Paralelamente, o tema do heroísmo diante do destino (aludindo à própria posição histórica da Irlanda em face do jugo colonial) é bastante recorrente no teatro irlandês,<sup>5</sup> assim como a idéia de senso trágico ligado a um “destino psicológico” inelutável.

A conjugação de todos esses fatores permite que se entenda as vias pelas quais tornou-se consensual entre a crítica a visão de *Longa jornada noite adentro* como um exemplar supremo de tudo o que o *establishment* crítico norte-americano consagra: uma escritura dramatúrgica realista-naturalista com as personagens se debatendo num campo onde a idéia de pro-

- course. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1995. p. 229.
- 3 PFISTER, J. loc. cit.
  - 4 PFISTER, J. op. cit. p. 16.
  - 5 Particularmente nos dramas encenados pelo Abbey Theatre, cuja turnê nos Estados Unidos se realizou entre os anos de 1911-12.
  - 6 PFISTER, J. loc. cit.
  - 7 PFISTER, J. op. cit. p. 231.
  - 8 PFISTER, J. op. cit. p. 29.
  - 9 PFISTER, J. loc. cit.
  - 10 PFISTER, J. loc. cit.
  - 11 PFISTER, J. op. cit. p. 220.
  - 12 MANHEIM, Michael. "O'Neill criticism" In: MANHEIM, Michael (Ed.). *The Cambridge Companion to Eugene O'Neill*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

## LONGA JORNADA NOITE ADENTRO

FOTO DA CAPA  
Cleyde Yáconis e Marco Antônio Pâmio  
em *Longa jornada de um dia noite adentro*, de Eugene O'Neill.  
Idealização do projeto: Gustavo Ariani e Hermes Frederico, 2002.  
Foto de Sílvio Pozatto.  
Acervo particular de Cleyde Yáconis.

A Carlotta,  
No 12º aniversário de nosso casamento.

Minha querida, entrego-lhe os originais desta obra de velho sofrimento, escrita com lágrimas e sangue. Dom esse que parece tristemente inadequado num dia em que só se deveria comemorar a felicidade. Mas você compreenderá. Quero que seja ele uma homenagem ao seu amor e à sua ternura, que me restituíram a fé no amor, o que permitiu finalmente afrontar os meus mortos e escrever este drama... escrevê-lo com profunda piedade, compreensão e perdão para os quatro angustiados Tyrone.

Esses doze anos, minha amada, foram uma Jornada para a luz... para o Amor. Já conhece a minha gratidão! E o meu amor.

Gene  
Tao House  
22 de julho de 1941



## PERSONAGENS

JAMES TYRONE

MARY CAVAN TYRONE

JAMIE TYRONE

EDMUND TYRONE

CATHLEEN

sua esposa

seu primogênito

o filho caçula

a empregada

# CENÁRIOS

## ATO 1

Sala da casa de veraneio dos Tyrone. Às 8h30 da manhã de um dia de agosto de 1912.

## ATO 2

Cena 1: O mesmo, por volta das 12h45.

Cena 2: O mesmo, mais ou menos meia hora depois.

## ATO 3

O mesmo, à tarde, por volta das 18h30.

## ATO 4

O mesmo, à meia-noite.

ΑΤΟ 1

*(Sala da casa de veraneio de James Tyrone, numa manhã de agosto de 1912.*

*No fundo do cenário, duas portas duplas com portières. A da direita leva a uma sala de frente, cujo aspecto solene e bem-arrumado revela que é raramente usada. A outra dá para uma sala dos fundos, escura e sem janelas, que serve apenas de passagem da sala de estar para a sala de jantar. Junto à parede, entre as portas, há uma pequena biblioteca sobre a qual pende um retrato de Shakespeare e que contém romances de Balzac, Zola, Stendhal e obras filosóficas e sociológicas de Schopenhauer, Nietzsche, Marx, Engels, Kropotkin e Max Steiner, peças de Ibsen, Shaw e Strindberg, poemas de Swinburne, Rossetti, Wilde, Ernest Dowson, Kipling etc.*

*Na parede da direita, no fundo, há uma porta telada que conduz ao pátio, o qual rodeia quase a metade da casa. Mais adiante, três janelas dão para o parque e sobre o porto e a avenida que bordeja o cais. Contra a parede há uma mesinha de vime e uma escrivaninha de carvalho, dessas de tipo comum, encostadas às janelas.*

*Na parede da esquerda, uma série análoga de janelas dá para os terrenos do fundo. Sob elas, um divã de vime com almofadões, cuja cabeceira se acha voltada para o lado de fora. Mais atrás vê-se uma grande biblioteca com porta de vidro, com coleções de Dumas, Victor Hugo, Charles Lever, três volumes de Shakespeare, a Melhor Literatura do Mundo em cinquenta grandes tomos, a História da Inglaterra, de Hume, a*

História do Consulado e do Império, *de Thiers*, a História da Inglaterra, *de Smollett*, a História da Decadência do Império Romano, *de Gibon*, e diversos volumes com antigas comédias, poemas e histórias da Irlanda. O que chama a atenção nessas coleções é que todos os volumes parecem ter sido lidos.

O chão de carvalho parece estar totalmente recoberto por um tapete de desenho vago e tonalidades apagadas. No centro, há uma mesa redonda com uma lâmpada de leitura, munida de um abajur verde, cujo cordão está embutido em uma das quatro lâmpadas do lustre. Ao redor da mesa, ao alcance da luz, há três poltronas de vime e à direita, adiante daquela, uma cadeira de balanço, de carvalho envernizado, com assento de couro.

São mais ou menos 8h30. O sol penetra pelas janelas da direita. Ao levantar-se o pano do fundo, a família acaba de tomar o café-da-manhã. Mary Tyrone e seu marido saem juntos da sala dos fundos. Vêm da sala de jantar.

Mary tem 54 anos e é uma mulher de estatura mediana. Sua silhueta elegante, ainda juvenil, é um tanto roliça, mas nela não se notam a cintura e as cadeiras próprias da idade madura, apesar de não usar um colete muito ajustado. Seu rosto é tipicamente irlandês. Deve ter sido um rosto lindo e ainda chama a atenção. Não se harmoniza com a saúde que sua silhueta denota. É enxuto e pálido, nele sobressaindo a estrutura óssea. Tem o nariz longo e reto e a boca larga, de lábios carnosos e sensíveis. Não usa blush nem qualquer espécie de maquiagem. O cabelo farto e de um branco puro emoldura sua testa. Acentuados por esse cabelo e por sua palidez, seus olhos, de um pardo-escuro, parecem negros. São excepcionalmente grandes e belos, de sobrancelhas negras e pestanas frisadas.

O que imediatamente chama a atenção é seu extremo nervosismo. Suas mãos nunca estão quietas. Foram lindas mãos de longos dedos finos, mas o reumatismo tornou nodosas as articulações e deformou os dedos, que agora parecem mutilados. Todos evitam fitá-los, sobretudo porque se nota que Mary não consegue esquecer o triste aspecto que apresentam, e sente-se humilhada por não poder dominar esse nervosismo que mais chama a atenção sobre suas mãos.

Veste-se com simplicidade, mas com uma segura intuição do que lhe vai bem. Tem o cabelo cuidadosamente penteado. Sua voz é suave e atraente. Quando está alegre, sente-se nessa voz um leve sotaque irlandês. Sua qualidade mais sedutora – e que nunca perdeu – é o simples e espontâneo encanto juvenil de uma menina de colégio, uma inata inocência alheia à vida mundana.

James Tyrone tem 65 anos, porém parece ter dez anos menos. De estatura média, largo de ombros e de peito, dir-se-ia que sua estatura é mais elevada devido ao porte, cujas características são próprias de um soldado: leva a cabeça erguida, o peito estufado, o ventre contraído e os ombros quadrados. Seu rosto já apresenta os primeiros sinais da velhice, mas ainda assim é um belo rosto de homem – a cabeça é grande, bem modelada –, possui um belo perfil e olhos fundos, de uma tonalidade parda e clara. Seu cabelo grisalho rareia, e ostenta uma calvície semelhante à tonsura de um frade.

Na sua personalidade, está inconfundivelmente estampado o selo de sua profissão. Não porque tenha por hábito comprar-se em alguma das deliberadas atitudes temperamentais próprias do ator teatral. Por gosto e natureza, é um homem simples, sem pretensões, cujas inclinações não se afastam muito do humilde início que teve na vida e dos agricultores irlandeses